

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CULTURA ESPANHOLA. NOTÍCIA DE ALGUMAS PUBLICAÇÕES RECENTES. RAMON MENENDEZ PIDAL - HISTÓRIA DE ESPANHA.**

CARDOSO, Mário

Ano: 1947 | Número: 57

---

### **Como citar este documento:**

CARDOSO, Mário, Cultura espanhola. Notícia de algumas publicações recentes. Ramon Menendez Pidal - História de Espanha. *Revista de Guimarães*, 57 (3-4) Jul.-Dez. 1947, p. 191-196

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# CULTURA ESPANHOLA

(Notícia de algumas publicações recentes)

---

*História de España*, dirigida por Ramón Menéndez Pidal. Volume 1.º do tomo I («Espanha-Prehistórica»). Madrid, 1947. Vol. de 20/27 cm., CIII + 896 págs., 664 gravuras e diversos mapas e gravuras fora do texto. Ed. Espasa-Calpe.

Após a publicação dos tomos II e III desta História de Espanha, respectivamente em 1935 e 1940, saiu no corrente ano o 1.º volume do tomo I da magnífica obra que, sem favor nem exageros, merece a classificação de grandiosa. O largo intervalo que tem decorrido entre a publicação dos tomos já dados a lume é prova evidente das dificuldades, canseiras, dispendios e trabalhos de toda a ordem que certamente terá custado a construção deste sóbrio monumento de erudição e cultura dos historiadores e pré-historiadores contemporâneos espanhóis. São colaboradores do presente volume, agora publicado, além do insigne filólogo e historiador Menéndez Pidal, sob cuja superior direcção a obra é elaborada, os Professores Eduardo e Francisco Hernández-Pacheco, Luis de Hoyos Sáinz, Martín Almagro, Alberto del Castillo, Juan Maluquer de Motes e Juan da Mata Carriazo.

As primeiras cem páginas são ocupadas pela Introdução da obra, por Menéndez Pidal, constituída por um exaustivo estudo a que deu o título de — *Los Españoles en la História. Cimas y depresiones en la curva de su vida política*. Nele são primorosamente dissecadas e descritas as características, virtudes e

defeitos, da raça — sobriedade, desinteresse, apatia e energia, humanitarismo, idealismo, religiosidade, benevolência, individualismo, tradicionalismo e misoneísmo, etc., entrando depois nos conceitos políticos e históricos — unitarismo e regionalismo, os nacionalismos, as duas Espanhas, uma dominada pelo espírito localista, a outra pela directriz unitária, nitidamente divididas por duas ideologias opostas, que através da História têm divorciado os espanhóis, por vezes com extremos de violência. A propósito deste flagrante dualismo político, cita com elogio, o volume *As duas Espanhas* do nosso escritor Fidelino de Figueiredo.

Após este magistral estudo do glorioso homem de ciência, abre o volume com um capítulo subscrito pelo Catedrático da Universidade de Madrid, Eduardo Hernández-Pacheco, sobre as características geográfico-geológicas da Península, e o segundo, por Francisco Hernández-Pacheco, também Catedrático de Madrid, estudando o final do Terciário e o período decorrido durante o Pleistoceno. Segue-se a Antropologia pré-histórica (conceitos gerais, os homens fósseis, os homens pré-históricos, raças do Neolítico e do Eneolítico), por Luis de Hoyos Sáinz, igualmente Professor da Universidade Central madrilenha.

Do Paleolítico ocupou-se, num largo estudo, o conhecido Catedrático da Univ. de Barcelona, Martin Almagro. Começa por nos apresentar os modernos conceitos sobre a classificação do Paleolítico inferior, salienta o atraso dos estudos sobre este período, tanto em Espanha como em Portugal, merecendo-lhe todavia elogio os recentes trabalhos levados a efeito no nosso país pelo Abade Breuil e Dr. Zbyszewski, aludindo apenas aos publicados em 1942, nas *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* (tomo XXIII), visto os resultados de outras pesquisas daqueles dois investigadores só há pouco terem sido publicados, no tomo XXVI das mesmas *Comunicações*. Da restante bibliografia portuguesa, cita os trabalhos de Nery Delgado, Leite de Vasconcelos, Vieira Natividade, etc., e, entre os mais recentes, os de Mendes Correia, Afonso do Paço, Joaquim Fontes, Virgílio Correia, Abel Viana, Ma-

xime Vaultier, José Formosinho, Mesquita de Figueiredo, etc.

Acerca do Paleolítico superior em Portugal, além de citar os AA. atrás referidos, põe em destaque as pesquisas de Manuel Heleno efectuadas em Rio Maior. Dedicada em seguida o ilustre Prof. um extenso capítulo à Arte quaternária, em Espanha tão abundante e tão pobre em Portugal. Ilustra esta parte do trabalho uma documentação gráfica excelente, com belas estampas coloridas. O Capítulo imediato é consagrado às relações da Península com o Norte de Africa, durante o Paleolítico superior.

A propósito das Culturas do final do Paleolítico, aborda o problema do *Asturiense* em Espanha e Portugal, citando, sobre as manifestações desta indústria no nosso país, os trabalhos do saudoso e malogrado Rui de Serpa Pinto, e ainda os estudos do Rev. P.<sup>o</sup> Jalhay, de Abel Viana, etc. Alude em seguida aos concheiros de Muge, de tamanho interesse para o esclarecimento do Mesolítico peninsular, citando os trabalhos iniciais de Carlos Ribeiro, Pereira da Costa e Paula e Oliveira, e os mais recentes, de Mendes Correia, Santos Júnior, Lerenó Antunes de Barradas, etc. O último capítulo é dedicado à Arte rupestre, naturalista e esquemática, fazendo o Autor ligeira menção aos achados portugueses, aliás numerosos e importantes. A contribuição do Professor Almagro para este magnífico tomo da *História de España* é, como se pode depreender desta ligeiríssima referência, do mais alto valor, pela sua actualidade científica.

A este excelente trabalho segue-se um outro, também de vulto, sobre o *Neo-eneolítico*, subscrito pelo Prof. da Universidade de Barcelona, Alberto del Castillo. Tem o Professor Castillo publicado, como se sabe, numerosos trabalhos sobre este período da Pré-história peninsular, especialmente sobre as áreas de expansão da chamada *Cultura do vaso campaniforme*, pertencente ao Eneolítico pleno. Depois das considerações de ordem geral sobre o Neolítico, cujas etapas clássicas — períodos inicial, pleno e final — o Autor suprime, com relação à Península, entra propriamente no estudo do Neo-Eneolítico, que limita

entre 3000 e 2500 a. C., e define como um período contendo características neolíticas, ou seja remontantes a um período cultural em que o trabalho dos metais era ainda desconhecido, e características do começo do Eneolítico, isto é, do início da época do metal. Em seguida estuda proficientemente as três Culturas neo-eneolíticas peninsulares: *Cultura central* ou *das grutas*, *Cultura megalítica, ocidental, portuguesa* ou *atlântica*, e *Cultura de Almeria*. Não nos permite o escasso limite desta breve apreciação, que façamos referência detalhada ao esplêndido trabalho do Prof. Alberto del Castillo. Não queremos, no entanto, deixar de fazer uma alusão, ainda que ligeira, à forma como o Autor encara a origem e expansão da Cultura megalítica na Península. Começa por repudiar a designação (embora adoptada no decorrer do trabalho) seguida por Bosch Gimpera, Mendes Correia, etc., de *Cultura megalítica portuguesa* ou *ocidental*, por a considerar com um carácter geográfico restritivo, contrário às novas ideias que pretendem localizar o foco inicial de expansão da Cultura megalítica peninsular, não na faixa atlântica portuguesa, mas na zona mediterrânea do sudeste espanhol (Professores Mergelina, Santa-Olalla, Almagro, etc.). Todavia A. del Castillo não nega a possibilidade de o foco da Cultura dolménica ter sido em Portugal, preferindo até, explicitamente, a doutrina clássica (vide pág. 564 do volume), por as restantes «não oferecerem, por enquanto, superiores garantias». O Prof. Almagro é menos tolerante sobre este assunto, chegando a afirmar (Rev. *Ampurias*, V, 310) que «Portugal é um facto político, mas não etnográfico, e muito menos cultural, quer na Pré-história, quer na História!» Nega-nos assim o ilustre Professor catalão, neste conceito que reputamos menos justo, toda e qualquer personalidade, dentro da unidade geográfica peninsular, concedendo-nos apenas simples *nuanças*, ou «peculiaridades!» Que a Cultura megalítica não nascesse em Portugal é perfeitamente admissível, como o é de que não tenha nascido em qualquer outro ponto da Península, visto que, nem sequer podemos calcular em que região do globo ela tenha surgido pela primeira vez. Tão pouco podemos saber se esta Cultura surgiu ou

não paralelamente em vários pontos do mundo, inclusive na Península Ibérica, ou se, vinda de fora, foi aqui introduzida por mar, na faixa atlântica portuguesa, donde irradiou pela Península, ou se entrou pelo sudeste, num centro de cultura que se revela predominante, mercê das relações mediterrâneas que manteve com o oriente. Isto admitindo que os dolmens vieram do oriente, na sua hipotética marcha de expansão, e não do norte da Europa, como outros querem. Tudo se confina, como se vê, em hipóteses de base igualmente frágil, mas um facto se verifica, porém, na simples inspecção de uma carta com a distribuição dos megálicos na Península: é que eles são de uma densidade flagrante, precisamente na zona atlântica, desde o Algarve ao Finisterra galego, ocupando, no resto da Península, apenas núcleos isolados. A ideia de que a zona da Península que hoje constitui Portugal foi, nesses remotos tempos, um foco de cultura, não é, nem deixa de ser, afirmativa que *agrada* a portugueses, como disse, e supõe, o Sr. Prof. Almagro, pois não podemos ter hoje, evidentemente, a pretensão de filiar os nossos pergaminhos históricos no povo que aqui construiu os dolmens! Nesses tempos nebulosos não havia Portugal, nem havia Espanha, mas simplesmente esta Península, com núcleos humanos, como em qualquer outra região do globo, que seria arriscado considerar nossos directos antepassados, sob o ponto de vista antropológico, e muito menos histórico... para que hoje nos ufanássemos das suas glórias.

Sobre a Cultura do vaso campaniforme, estabelece o Sr. Alberto del Castillo, no trabalho a que nos estamos referindo, a distribuição dos vários núcleos localizados dentro da Península, e zonas de expansão desta Cultura por toda a Europa. Entre os diversos núcleos peninsulares, considera três, na parte ocidental: o do Baixo-Tejo, ou português; o de Entre Douro e Minho, fazendo parte do da Meseta superior; e, finalmente, o da Galiza. No do Entre Douro e Minho, inclui estações como a da Penha (Guimarães), Mairos (Chaves), etc., cuja integração na Cultura do Campaniforme reputamos duvidosa, tanto mais que se trata de estações insuficientemente estudadas, parecendo,

todavia, pelo tipo da cerâmica ali encontrada, pertencem já a uma data muito posterior, talvez ao período chamado *post-hallstático*, correspondente à segunda penetração celta na Península, quando ainda a massa indígena autóctone permanecia estabilizada na cultura do Bronze. O espólio da Penha, por exemplo, tem sido recolhido ao sabor do acaso, em escavações e terraplanagens de obras de ajardinamento local, sem o menor carácter científico, ignorando-se hoje totalmente as condições de jazida dos objectos encontrados, níveis estratigráficos, etc., tão deplorável tem sido o destroço vandálico de uma das mais importantes estações arqueológicas do Norte de Portugal.

Não nos é possível ocupar mais espaço neste lugar, com as nossas considerações, por superficiais que tenham de ser, a respeito de este volumoso tomo da *Historia de España*, que fecha com um interessante capítulo sobre a Idade do Bronze nas Ilhas Baleares, pelo Sr. Maluquer de Motes, do Museu Arqueológico de Barcelona, e outro, também muito importante, sobre a Idade do Bronze na Península, pelo Prof. Mata Carriazo, da Universidade de Sevilha. Este último dedica ligeiras referências à Idade do Bronze em Portugal, citando os trabalhos de Estácio da Veiga, José Fortes, Santos Rocha, Mendes Correia, etc., e alude, ainda mais algumas vezes, ao nosso país, a propósito de jóias áureas da época do Bronze, que entre nós estão representadas por notáveis exemplares.

Resta-nos dizer que este volume, pelo valor e actualidade das matérias que contém, pela sua documentação abundante e verdadeiramente opulenta, e pela bibliografia exaustiva que insere, é obra de consulta absolutamente imprescindível na estante de todos os estudiosos da Arqueologia pré-histórica hispano-portuguesa.

---

**Felipe Mateu y Llopis**, «Identificación de cecas ibéricas pirenaicas. Ensayo de localización de toponimos monetários altoaragoneses». Sep. de *Pirineos*, Saragoza, 1947, n.º 5, págs. 39-80.

O Sr. Prof. Mateu y Llopis, Catedrático da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bar-